

## O Sertão na Televisão: Música Sertaneja e Rede Globo\*

Gustavo Alonso\*\*

Há algum tempo as duplas do chamado “sertanejo universitário” vêm chegando às praias cariocas. Não obstante ainda é possível encontrar pessoas indiferentes ao gênero, que afirmam sequer conhecer canções de duplas como Victor & Leo, Fernando & Sorocaba, Jorge & Matheus, Maria Cecília e Rodolfo, Bruno e Marrone, João Bosco & Vinicius, entre outros. De fato, diferentemente do “velho” sertanejo, cujos principais artistas foram logo mapeados (e em parte repudiados) pelos cariocas na época do primeiro *boom* do gênero nos anos 1990, o “sertanejo universitário” ainda engatinha no reconhecimento instantâneo, especialmente entre as classes médias e altas.

Em conversas recentes com amigos próximos, pouquíssimos foram os que conseguiram cantar uma música da dupla Victor & Leo, talvez a mais bem sucedida de todas as duplas do atual sertanejo universitário, sendo Victor Chaves o compositor que mais arrecadou direitos autorais em 2009 em todo o Brasil<sup>1</sup>.

Há de se demarcar que nos dias atuais o meio musical apresenta-se cada vez mais dividido em guetos e, com a crise da indústria fonográfica e o advento música através da internet, está cada vez mais difícil (e paradoxalmente ao mesmo tempo mais fácil) entrar em contato com o grande sucesso popular do momento. Diante de tantas opções no mundo do MP3 e dos vídeos do *Youtube*, de fato é possível viver uma vida inteira sem se dar conta da popularidade dos atuais sertanejos.

No entanto, muitos dos meus amigos logo se rendem ao fato de que já ouviram a dupla Victor & Leo. Basta que se cante uma parte da música *Deus e eu no sertão*, de autoria de do próprio Victor Chaves, compositor de quase todas as canções da dupla. Cabe lembrar que a canção esteve na abertura da novela “Paraíso”, produzida em 2009, pela TV Globo<sup>2</sup>. Ao ouvir outras canções da dupla como *Borboletas*, *Fada* ou *Lembranças de amor*, grande parte de meus colegas declara já tê-las ouvido em algum lugar. A música sertaneja atual está constantemente

---

\* Artigo recebido em setembro de 2010 e aprovado para publicação em março de 2011.

\*\* Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense.

<sup>1</sup> Ver dados do ECAD: <http://www.ecad.org.br/ViewController/publico/RankingAutorial.aspx> - consulta em 10/01/2011

<sup>2</sup> Abertura da novela “Paraíso” <http://www.youtube.com/watch?v=-ZX6C5wT00g> – consulta em 10/01/2011.

na mídia, mas passa despercebida pela maioria de nós, especialmente entre a classe média carioca.

O Rio de Janeiro representou, desde o primeiro *boom* da música sertaneja nos anos 1990, um espaço de resistência ao gênero, visto pelos críticos culturais como um “modismo”, uma “falsificação” da música caipira e/ou um passo a mais da indústria cultural na conquista e usurpação dos valores populares. A capital carioca foi um dos últimos lugares no país atingidos pela música de Chitãozinho & Xororó, Leandro & Leonardo, Matogrosso & Mathias, Zezé Di Camargo & Luciano e outros.

Em parte a reação do Rio de Janeiro, e especialmente das classes médias e altas, se deve ao repúdio à mudança de centro cultural do país. Não custa lembrar que o samba, gênero “genuinamente” carioca ficou associado à nacionalidade brasileira ao longo do século XX. Que outro gênero é capaz de também representar o país? Direitas e esquerdas cariocas parecem ter se unido num repúdio que durou pelo menos 20 anos, até a invasão sertaneja na virada 1989/1990. Não custa lembrar que, por exemplo, Chitãozinho & Xororó começaram a carreira em 1970 e que a partir de 1982, com o sucesso de *Fio de cabelo*, já vendiam um milhão de discos todos os anos. Milionário & José Rico, que começaram em 1973 e Leo Canhoto & Robertinho em 1969. Todas estas artistas foram mapeados como “sertanejos”, pois incorporavam instrumentos “estrangeiros” à sua música: guitarras, baterias, teclados e baixos no caso do rock-sertanejo de Leo Canhoto & Robertinho e Chitãozinho & Xororó; e trompetes, *tololochos* (um tipo de violão grande) mexicanos e harpas paraguaias. O auge desse processo aconteceu em fins da década de 80. Diante da conquista de todo o país, apenas coube ao Rio capitular.

Mas nem todos entregaram todos os pontos.

O que é raramente contado é que o repúdio das classes médias cariocas, muito saudosistas dos tempos “áureos” da música popular, leia-se samba dos anos 30/ 40 e MPB dos anos 1960/70, contou com apoio da Rede Globo de Televisão.

A TV de Roberto Marinho não olhou com bons olhos a popularidade da música sertaneja e resistiu o quanto pode colocar o gênero em sua programação, especialmente nas novelas globais, o grande produto de luxo da emissora, vendida para vários países ao redor do planeta. Muitos de meus interlocutores me dizem que os sertanejos sempre estiveram na Rede Globo e que esta foi fundamental para o sucesso do gênero. A primeira afirmação é uma meia verdade; a segunda uma falácia.

Durante o *boom* sertanejo da virada década, entre 1987 e 1994, a Globo lançou doze canções sertanejas nas trilhas sonoras de suas novelas:

- 1) *No rancho fundo*, de Chitãozinho & Xororó em “Tieta”, novela das 20hs, de 14 de agosto 1989 a 31 de março de 1990;
- 2) *Luar do sertão*, de Roberta Miranda em “Tieta”;
- 3) *Saudade*, de Christian & Ralf em "Pacto de sangue", novela de 20hs, de maio a 23 de setembro de 1989;
- 4) *Nuvem de lágrimas*, de Fafá de Belém e Chitãozinho & Xororó em "Barriga de aluguel", novela das 18hs, de 20 de agosto de 1990 a 1º de junho de 1991;
- 5) *Amor clandestino*, de João Mineiro & Marciano em “Meu bem, meu mal”, 20hs, de 20 de outubro 1990 a 18 de maio de 1991;
- 6) *Você ainda vai voltar*, cantada por Leandro & Leonardo em “Felicidade”, novela das 18hs, exibida de 7 de outubro de 1991 a 30 de maio de 1992;
- 7) *Cabecinha no ombro* com Fagner e Roberta Miranda em "Pedra sobre pedra", 20hs, de 6 de janeiro a 31 de julho de 1992;
- 8) *Brincar de ser feliz*, de Chitãozinho & Xororó em “Pedra sobre Pedra”;
- 9) *Eu te amo (And I Love her)*, de Zezé Di Camargo & Luciano, em “Perigosas Peruas”, 1992;
- 10) *Pensando em minha amada*, Chitãozinho & Xororó, em “Mulheres de Areia”, 19hs 1993;
- 11) *Não olhe assim*, por Leandro & Leonardo em “Deus nos Acuda”, novela das 19hs, exibida de 31 de agosto de 1992 a 27 de março de 1993;
- 12) *Eu só penso em você (Always on my mind)*, cantada por Zezé di Camargo & Luciano (partic. especial Willie Nelson) em “Fera Ferida”, novela das 20hs, de 15 de novembro de 1993 a 16 de julho de 1994.

À primeira vista pode parecer que a música sertaneja tocava muito na Globo. No entanto, há de se considerar alguns pontos. Nesta lista há duas canções (*Eu só penso em você* e *Eu te amo*) que não foram compostas por músicos brasileiros e o processo de mediação pelo qual passou foi diferente das outras canções. É de se considerar que ambas as canções gravadas por Zezé Di Camargo & Luciano conseguiram espaço nas novelas globais também porque eram versões já conhecidas do repertório internacional. A original *And I love her*, por exemplo, foi composta por John Lennon e Paul McCartney em 1965, gravada por Roberto Carlos em 1984 (autor da versão) e gravada por Zezé e seu irmão 26 anos depois da original.

A quarta canção, *Nuvem de lágrimas*, um enorme sucesso simultâneo na voz de Fafá de Belém e Chitãozinho & Xororó, foi a porta de entrada para a música sertaneja através de um “figurão” da MPB. A dupla paranaense foi aceita na Globo em parte por que recebeu o aval abençoador de Fafá. Há de se demarcar que a modernização do som levada a cabo por esta dupla desde meados da década de 1980 não a tornou aceitável para os diretores globais. Os olhares só mudaram quando houve um aval de Fafá. Mas, mesmo ela, sofreu patrulha por parte da MPB por gravar músicas que não se adequavam ao padrão de “bom-gosto” das classes médias e altas. De qualquer forma, o aval de Fafá ajudou a carreira dos irmãos paranaenses. Igualmente, Roberta Miranda dependeu da “mãozinha” de Fagner em *Cabecinha no ombro*.

A relativa incorporação de Chitãozinho & Xororó e Roberta Miranda diz muito sobre o aval global no início do *boom* sertanejo. Além do aval de artistas conhecidos, eles precisaram incorporar composições clássicas. Lamartine Babo e Ary Barroso eram os compositores de *No rancho fundo*, cuja primeira gravação é de 1931. O compositor Paulo Borges compôs o clássico *Cabecinha no ombro* lançada em 1957 e Catulo da Paixão Cearense escreveu *Luar do Sertão* em 1914. Todas elas bem anteriores ao *boom* dos anos 1990 o que denota que os sertanejos tiveram que pisar no freio e conceder aos globais uma associação às canções tradicionais do campo brasileiro.

É espantoso, de qualquer forma, notar que Roberta Miranda não entrou na programação global através de alguma de suas inúmeras composições, mas através de compositores consagrados. Tampouco Zezé Di Camargo, outro profícuo compositor do período, conseguiu entrar na programação da rede carioca, e teve que gravar versões de sucessos internacionais. Legitimados como “caipiras” ou “estrangeiros”, o aceite de cantores sertanejos se deu mediante duas pautas: a) o esquecimento de suas trajetórias estéticas modernizadoras dentro da música sertaneja; b) através da associação ao tradicional som do campo.

A incorporação de Chitãozinho & Xororó com canções próprias às trilhas da Globo aconteceu apenas em 1992. Era o auge da música sertaneja e a Globo cedia, aos poucos, espaço para a dupla que tinha, à época, mais de vinte anos de carreira. Leandro & Leonardo, Chrystian & Ralf e João Mineiro & Marciano também conseguiram romper o bloqueio global com composições originais, mas em vez de regra, essas canções foram exceções. Diga-se de passagem, que *Amor Clandestino* foi a única canção de João Mineiro & Marciano que entrou na programação global na longa e exitosa carreira da dupla de 1973 a 1991, e que ao longo dos anos 80 teve vários sucessos, entre eles *Seu amor ainda é tudo* e *Ainda ontem chorei de saudade*.

A Rede Globo foi uma tradicional apoiadora da música “caipira” e ao longo dos anos 1980 veiculou programas ligados às raízes do campo brasileiro, especialmente o *Som Brasil*, apresentado por Rolando Boldrin (e posteriormente por Lima Duarte) entre 1981 e 1989. Entre os artistas ligados à estética caipira estavam Almir Sater, Renato Teixeira, Pena Branca & Xavantinho, Inezita Barroso, Diana Pequeno, Papete, Sergio Reis e o próprio Rolando Boldrin<sup>3</sup>. A identidade “caipira” catalisada nos anos 70 e 80 em oposição ao sucesso sertanejo exprimia em parte os desejos de determinados setores urbanos que buscavam resgatar as raízes rurais da música brasileira. Esses músicos e seu público tinham um discurso comum de valorização da “riqueza” musical “genuinamente” brasileira. Defendiam a música do caipira tradicional, que supostamente não se rendia aos ditames da *indústria cultural*, e repudiavam a importação de instrumentos e o que entendiam como *espetacularização* da música rural. Artistas da MPB, como Milton Nascimento, Fagner, Elba Ramalho, Sivuca, Hermeto Paschoal, Gilberto Gil e Fafá de Belém também se apresentaram no programa *Som Brasil*, selando uma aproximação com a música “caipira” que já havia sido apontada desde meados dos anos 70.

Os sertanejos, vistos na época pelos caipiras como “falsificadores” da tradição camponesa nacional, foram excluídos do programa da TV Globo. O que a Globo fazia em 1989 era nada mais nada menos que a continuação de uma política estética de privilégio dos “caipiras” frente aos sertanejos, mesmo que abrindo novas brechas devido à pressão do sucesso popular.

Mesmo considerando todas estas canções sertanejas lançadas em trilhas sonoras globais durante oito anos, é muito pouco se levarmos em conta a enxurrada de sucessos sertanejos na virada da década. É importante lembrar que o sucesso das canções sertanejas aconteceu independente das vontades dos diretores da trilhas globais. Canções presentes no imaginário coletivo de largos setores populares brasileiros foram “esquecidas” pela emissora. Clássicos do repertório de Chitãozinho e Xororó como *Meu disfarce*, *Foge de mim*, *Nascemos pra cantar*, *Evidências*, *O rio*, *Somos assim*, *Meninos do Brasil*, *Deixa* e *Tudo por amor* ficaram de fora. De Leandro & Leonardo, a Globo não se importou com o sucesso popular de *Entre tapas e beijos*, *Pense em mim*, *Desculpe mas eu vou chorar*, *Paz na cama* ou *Sonho por Sonho*. De Zezé Di Camargo & Luciano ficaram de fora *Cama de capim*, *Coração em pedaços*, *Saudade bandida*, *Salva meu coração* e até o mega-sucesso *É o amor!* Isto para ficar apenas nas duplas e canções mais conhecidas!

---

<sup>3</sup> Diante do auge da música sertaneja nos anos 90, pode parecer que este grupo de artistas caipiras nunca teve muita expressão. Contudo, isto está muito longe da realidade. Havia uma radical oposição entre os dois grupos da música rural, que foi se acirrando na medida em que a música sertaneja conseguia cada vez mais popularidade.

No entanto há um fato curioso acerca da incorporação de *É o amor* pela TV Globo: ela foi relida duas vezes em trilhas da emissora, nunca pela dupla sertaneja. A primeira vez aconteceu em 1999, oito anos depois da gravação original, na novela “Suave Veneno”. Naquela oportunidade Maria Bethânia regravou a canção no disco *A força que nunca seca* com bastante repercussão. A segunda vez aconteceu dezoito anos depois da gravação original, quando a emissora carioca resolveu incluí-la na trilha sonora de *Caras e bocas*, novela de 2009. Em vez da versão original de 1991, os produtores da trilha preferiram uma versão em hebraico – de fato, é isso mesmo, hebraico! A versão é bastante interessante, embora pouquíssimos na face da Terra sejam capazes de entender uma palavra sequer da canção tema dos personagens Hannah e Benjamin, um casal de jovens judeus. Mais “limpas”, tanto a versão cantada por pelos desconhecidos Gê & Lilaz (a canção em hebraico chama-se *Ahava*) quanto à de Maria Bethânia são bastante sintomáticas da releitura da MPB acerca da música sertaneja. Os produtores tiraram os “excessos” do canto operístico e *vibratos* da versão original. A instrumentação estridente que tanto choca os ouvidos das classes altas e médias também foi removida. Mais “contidas”, menos “melodramáticas”, as versões cumprem um papel bastante interessante na releitura dos clássicos da música sertaneja. Curiosamente a versão hebraica tem uma leve pegada de *reggae*, numa confusão globalizatória típica da época atual, e nem por isso menos bela.

Durante o auge da música sertaneja, entre os anos de 1987 e 1994, a Globo produziu cerca de 40 novelas, cada uma delas com trilhas nacional e internacional, sendo que cada disco tinha por volta de 12 a 15 canções. Cerca de 480 canções nacionais foram gravadas em oito anos: apenas 12 eram cantadas por sertanejos, sendo seis de fato originais.

Nos corredores da TV Globo imperava o padrão estético da MPB, razão pela qual estes artistas eram quase sempre elencados pela emissora. Em oito anos de trilhas Gal Costa teve 11 participações, Caetano Veloso 10 e Maria Bethânia 9 vezes. O pianista Cesar Camargo Mariano e o saxofonista Léo Gandelman têm mais canções (3 cada) do que a dupla Zezé Di Camargo & Luciano (2 apenas). A refinada cantora Ithamara Koorax, desconhecida do grande público, teve três oportunidades em novelas da Globo, mais do que Leandro & Leonardo (2). Mesmo após sua morte, Elis Regina teve mais participações (2) que Chrystian & Ralf (1). A desconhecida banda “Homem de bem” teve mais participações (2) que João Mineiro & Marciano. Ivan Lins (6), Milton Nascimento (5), João Bosco (8) e até o então decadente Léo Jaime (5) têm individualmente mais canções nas trilhas do que Chitãozinho & Xororó. Enquanto Zizi Possi compareceu quatro vezes nas trilhas, duplas sertanejas de enorme sucesso popular como Rick & Renner, João Paulo & Daniel e Matogrosso & Mathias, sequer foram lembradas.

O historiador Paulo Cesar de Araújo encontrou fenômeno semelhante em sua pesquisa sobre a música “brega” nos anos 1970 (Araújo, 2003). As trilhas sonoras da emissora, símbolo do “padrão Globo de qualidade”, não aceitavam artistas como Odair José, Waldick Soriano e Agnaldo Timóteo em suas faixas. Em contrapartida, a emissora do Jardim Botânico, tradicional apologeta do regime ditatorial, incorporava a MPB em suas trilhas. Este paradoxo é ainda mais impressionante se levarmos em conta que a MPB construiu seu imaginário ao longo dos anos 1970 associando-se à resistência a ditadura.

Nos anos 1980, a Rede Globo foi menos resistente aos “bregas”: de Agepê a José Augusto, de Wando a Gilliard, de Gretchen a Elymar Santos, todos eles encontraram abrigo nas trilhas da emissora.

O Rock nacional também encontrou abrigo na TV Globo quase sem resistência. A emissora prontamente incorporou o novo movimento bem no início da década de 1980, chancelando músicos do gênero em sua programação. Marina foi a primeira desta geração a ser agraciada com a incorporação global da canção *Nosso estanho amor* (com participação de Caetano Veloso na gravação) na trilha de “Plumas e paetês”, novela de 1980. Lulu Santos teve *Tesouros da juventude* incluída em “O amor é nosso”, de 1981. Em 1982 ele emplacou *Tempos modernos* na novela “Sol de verão”, da mesma forma que a Blitz com o hit *Você não soube me amar*. Neste mesmo ano o Barão Vermelho teve incluída a canção *Down em mim* na novela “Final feliz”. Ritchie entrou com *Menina Veneno* em 1983 na novela “Pão-pão, beijo-beijo”.

Muito atenta ao movimento que surgia, a emissora carioca incluiu os cinco primeiros artistas do Rock nacional a despontar. A inclusão de suas músicas se deu exatamente no mesmo ano de lançamento de seus LPs, o que demonstra que a Globo não estava simplesmente aproveitando sucessos consolidados, mas ajudando a forjar o Rock nacional. No entanto, a emissora carioca raramente é lembrada como uma das forças que ajudaram a criar o gênero.

Em parte isso se explica por que associar-se a Globo é comprometer-se com o imaginário do apoio aos ditadores. Também a memória da MPB procura não se atrelar às trilhas sonoras globais, silenciando-se sobre esta associação. É incômodo lidar com o paradoxo de cantar a *resistência* e entrar na maior emissora do país. A primeira obra a quebrar este silêncio foi o livro de Paulo Cesar de Araújo, ao problematizar a produção da MPB diante do que era a produção da *indústria cultural* da época, ou seja, a música cafona dos anos 70 (Araújo, 2003). O autor percebeu que a memória da MPB frequentemente procura se desvincular da associação ao

mercado, embora tenha sido também ela, um produto comercial da cultura de massa, especialmente no início de sua gestação nos anos 60<sup>4</sup>.

Se a Globo ajudou a difundir o rock nacional, o mesmo não se pode dizer acerca da música sertaneja, cujo fortalecimento popular e mercadológico não passou de forma decisiva por trâmites legitimatórios das novelas globais. É importante frisar que as novelas globais são importantes veículos para popularização de canções em todo território nacional em horário nobre, auxílio que não contemplou a música sertaneja.

Não se pode dizer que a Globo foi contra a música sertaneja ostensivamente, afinal os sertanejos se apresentaram em programas globais como “Domingão do Faustão” e “Globo de Ouro”, assim como tiveram especiais de fim de ano produzidos pela emissora entre os anos de 1990 e 1992. A Globo não se manteve alheia à chegada do gênero às capitais do Sudeste, mas manteve discreta aceitação da música sertaneja, bastante característica de suas próprias ambigüidades. A incorporação gradual da música sertaneja levou a disputas internas na emissora. O diretor geral do núcleo de eventos e programas da emissora, Aloysio Legey, lembra que não foi fácil romper o padrão Globo de especiais de fim de ano: “Em 1995 tive que lutar para convencer a cúpula da Globo a fazer “Amigos”, o primeiro especial de fim de ano com duplas caipiras. O especial teve mais audiência que os de Xuxa, Roberto Carlos e Renato Aragão “<sup>5</sup>.

O principal produto da empresa de Roberto Marinho são as novelas, exportadas para vários países. A partir de 1973 a Globo começou a criar aquilo que ficaria conhecido como “padrão Globo de qualidade”, um requisito básico para toda sua programação. “Dr. Roberto” não queria ser um mero “alienador das massas”, como acusavam as esquerdas, mas tinha pretensões “educativas”. Para atingir tal padrão os dirigentes globais começaram uma “limpeza”. É desta época a demissão de Chacrinha, visto pelos diretores como por demais “popularesco”. O apresentador só voltaria à emissora uma década depois, mais limpo e contido. No campo musical o “padrão Globo de qualidade” significou a incorporação da MPB às trilhas sonoras da rede, em detrimento dos “bregas”, como enfatizou Paulo Cesar de Araújo. Como principais vitrines da emissora, não foram considerados de “bom tom” pelos diretores globais, pois expunham um país “sujo”, “exagerado”, “simples”, “banal”. É deste mesmo diagnóstico que padeceu, em parte, a música sertaneja no início dos anos 1990.

---

<sup>4</sup> O historiador Marcos Napolitano chegou a conclusões semelhantes sem, no entanto, problematizar as trilhas sonoras da emissora carioca (Napolitano, 2001).

<sup>5</sup> *Veja*, “Ouro na garganta”, *Veja*, 19/05/1999.



A pequena proporção da música sertaneja nas trilhas globais cumpre um papel fundamental na construção da noção de “bom-gosto” almejada pela empresa de Roberto Marinho. Neste mesmo pacto estavam juntos os direitistas elitistas, que haviam apoiado o golpe e a ditadura, e as esquerdas que a ela se opuseram.

Chama a atenção o fato de que o processo de virtual exclusão da música sertaneja das novelas nacionais não aconteceu somente na TV Globo. A TV Manchete produziu duas novelas de temática rural exatamente no período de auge da música sertaneja: em 1990, *Pantanal* fez muito sucesso mostrando uma parte do país até então pouco conhecida por muitos brasileiros. No ano seguinte foi a vez de *Ana Raio e Zé Trovão*, outro grande sucesso da emissora de Arnaldo Bloch.

No caso da primeira foram lançados três LPs com canções de Ivan Lins, Simone, Orlando Moraes, Sá & Guarabira, João Bosco, Maria Bethânia, Caetano Veloso e outros artistas todos ligados ao mundo urbano da MPB. O terceiro LP da novela era de canções instrumentais (!), regidas e compostas pelo maestro Marcus Viana, que fizeram pano de fundo às belas imagens de paisagens pantaneiras que apareciam com frequência nas telas de todo o país. Os únicos músicos rurais a aparecer nas trilhas de *Pantanal* foram Sérgio Reis e Almir Sater. No entanto cabe apontar que ambos se viam (e eram vistos pela MPB) com músicos caipiras, “verdadeiros” representantes do campo brasileiro, opositores da música sertaneja. Era clara a associação construída pela TV *Manchete* que avalizava uma construção feita ao longo dos anos 1970/80 acerca do elo MPB-caipiras.

Na novela seguinte, *Ana Raio e Zé Trovão*, a Manchete abriu espaço para uma única música de Chitãozinho & Xororó, *Cowboy do Asfalto*, um grande sucesso da dupla. Foi a única exceção. Na trilha sonora composta por dois discos com músicas nacionais, o novo gênero de Chitãozinho & Xororó ficou meio deslocado entre Chico Buarque, Lenine, Marcus Viana, Maria Bethânia, Almir Sater, Renato Borghetti, Marcus Viana, e outros. A canção *Cowboy do Asfalto* era usada nas cenas de rodeio vivenciadas pelos personagens principais. Apesar do enorme sucesso dos sertanejos exatamente neste período, a emissora *Manchete* ignorou as outras canções estouradas nas rádios populares.

De forma que a política da Globo em relação, é importante frisar, não era simplesmente os desmandos de alguns poucos diretores ou do chefe geral Roberto Marinho. Tratava-se de uma forma de analisar a produção musical brasileira do período, prática que era reproduzida em outras emissoras e órgãos da imprensa em geral. Jornais e revistas das classes médias e altas do

país por longos períodos evitaram falar no sucesso popularesco dos sertanejos, e quando o faziam era sempre num tom de desprezo e pouco compreensivo com o fenômeno social em torno daqueles artistas que surgiam.

Para se ter uma ideia do que está se falando aqui, basta citar o exemplo do *Jornal do Brasil*. Em meados da década de 1980, quando o diário passou por uma grande reformulação. Sob o comando de Zuenir Ventura a partir de 1986, o *Caderno B* se modernizou. Passou a publicar com frequência textos de personalidades da música e incorporou o rock nacional, antes odiado. Jornalista como Arthur Dapieve, Luiz Carlos Mansur e Jamari França passaram a escrever com frequência, defendendo rock até então muito combatido pelo tradicional jornal

Se o Rock se tornava aceitável para o jornal mais tradicional do Rio de Janeiro, o mesmo não se pode dizer sobre a música sertaneja. No início da década de 1980 o jornalista político do *Jornal do Brasil*, Ricardo Kotscho, ficou espantado com o sucesso de Chitãozinho e Xororó por todo o país e propôs uma reportagem ao editor Zuenir Ventura:

Num *frila* [reportagem *free-lance*] que fui fazer no Sul, acompanhando as andanças de uma dupla sertaneja desconhecida, pelo menos para mim, assisti ao surgimento de um novo fenômeno musical. A dupla atendia pelo nome artístico de Chitãozinho e Xororó. Viajavam num ônibus branco sem luxos e por onde passavam atraíam multidões, que cantavam junto com eles seu primeiro sucesso: *Fio de cabelo*. Propus a história ao meu amigo Zuenir Ventura, mestre de todos nós, mas ele não quis nem saber: ‘Lá vem você com essa história de caipira paulista. Aqui no meu caderno, não’. Num fim de semana em que o velho Zu estava de folga, tramei a publicação da matéria com seu adjunto, Paulo Adário, caipira de São Paulo (KOTSCHO, 2006: 147-8)<sup>6</sup>.

De fato, após essa matéria inicial Kotscho fez algumas reportagens sobre a música sertaneja. Apesar da simpatia, numa das reportagens mais eloquentes, intitulada “A explosão sertaneja”, a matéria do experiente jornalista era aberta com fotos de Milionário & José Rico e Chrystian & Ralf. Ao lado do texto, antes da frase inicial, havia o desenho de um pingüim (de geladeira) e a palavra “Brega”, de forma a demarcar aos leitores do jornal “a fria” que era a tal onda sertaneja<sup>7</sup>.

Apesar das claras diferenças políticas de um *Jornal do Brasil* e da TV Globo, por exemplo, suas posturas estéticas eram muito semelhantes. Constata-se assim que a prática global de desprezar sucessos populares de determinada vertente não era um ato isolado, mas um *ethos*

---

<sup>6</sup> A matéria a qual se refere Kotscho foi realizada no festival *Discovisão*, promovido em Canela, Rio Grande do Sul, em 1983.

<sup>7</sup> “A explosão sertaneja”, *Jornal do Brasil*, 24/04/1987.

incorporado em grande parte das classes médias e altas e seus meios de comunicação, não obstante as diferenças políticas destes meios.

Este quase silêncio acerca dos grandes sucessos sertanejos por parte da Globo durou pelo menos até 1996. Em 23 de dezembro de 1995 foi ao ar o primeiro programa *Amigos*, um programa de fim de ano dos sertanejos. Quando se fala dos sertanejos, a principal lembrança do senso comum apela a este programa, que era um especial de fim de ano sem o peso de penetração como o de uma novela. Ainda assim, o *Amigos* se tornaria semanal apenas em seu último ano, 1999.

Especiais globais de fim de ano não eram novidades para os sertanejos. As principais duplas já tinham tido programas de fim de ano na emissora: Chitãozinho & Xororó em 1990 e 1992, Zezé Di Camargo & Luciano em 1991 e Leandro & Leonardo em 1991 e 1992 (este último um programa mensal). A grande diferença da incorporação global em 1996 foi que neste ano uma trilha de novela marcou a virada das televisões brasileiras acerca da música sertaneja: *O Rei do Gado*. O folhetim de Benedito Ruy Barbosa, veiculada de 17 de junho de 1996 a 15 de fevereiro de 1997, num total de 209 capítulos, foi o responsável pela incorporação da música sertaneja à Rede Globo de Televisão. Quase todos os grandes nomes sertanejos estavam presentes, de Chitãozinho & Xororó a Roberta Miranda, Zezé Di Camargo & Luciano a Leandro & Leonardo, de João Paulo & Daniel a Chrystian e Ralf. Pela primeira vez os sertanejos entraram em definitivo no horário nobre, ainda que misturados a nomes da MPB como Orlando Moares, Djavan, Zé Ramalho, Dominginhos e cantores “caipiras” como Almir Sater e Sérgio Reis, que faziam ponta na novela como a dupla fictícia Pirilampo e Saracura.

A partir de *O Rei do Gado* tornou-se relativamente normal incorporar os cantores sertanejos. No entanto cabe lembrar que em 1996 a música sertaneja já não estava tão em evidência como no início da década, apesar de ainda continuar forte. No fim das contas a Globo demorou para incorporar os sertanejos. Depois desta data tentou compensar: músicas sertanejas estiveram presentes em *Vira-lata* (1996), *O amor esta no ar* (1997), *Era uma vez* (1998), *Torre de Babel* (1998-1999), *Terra Nostra* (1999-2000), *Amazônia* (2007), *Chocolate com Pimenta* (2003-2004), *América* (2005) e *A favorita* (2009), além da trilha do seriado *Carga Pesada* (2003). As outras emissoras também incorporaram os sertanejos em suas novelas. Na TV Record a trilha de *Estrela de fogo* (1998-1999) era quase que integralmente composta de músicas sertanejas; o SBT produziu a novela *Amor e ódio* (2002), que tinha abertura cantada por

Christian e Ralf; na novela *Jamais te esquecerei* (2003) havia participação de Chitãozinho & Xororó, Chrystian & Ralf e Guilherme & Santiago na trilha sonora.

Mas voltemos a Victor & Léo. A canção da abertura, a melancólica *Deus e eu no sertão*, não foi a primeira a ser adaptada pelos diretores globais. Um ano antes *Tem que ser você* já havia tocado na novela *A favorita*. Aliás, esta novela denota uma transição na produção de trilhas globais. Pela primeira vez, além dos tradicionais discos com canções “nacionais” e “internacionais”, foi lançado o disco *A favorita – Sertanejo*. A música sertaneja ganhava mais espaço: de Chitãozinho & Xororó a Rud & Robson, de Leonardo a Daniel, de Roberta Miranda a Jorge & Matheus, de Edson & Hudson a Bruno & Marrone, de Victor & Renan a Hugo Pena & Gabriel, um novo espaço foi produzido pela emissora para veicular novos artistas que surgiam. Não apenas na trilha, mas o próprio melodrama incorporou a temática das desavenças de uma dupla sertaneja feminina desfeita pelo destino. O sertão estava na televisão.

A trilha de *Paraíso* (2009) também foi na mesma linha, mas neste caso foram dois discos somente com canções sertanejas que serviam de trilha para a novela rural. Quase vinte anos depois do primeiro *boom* dos músicos sertanejos, a Globo aceitou e incorporou em definitivo o novo gênero.

*Paraíso* era uma refilmagem da novela homônima de 1982, escrita por Benedito Ruy Barbosa. Na primeira estavam presentes Sérgio Reis, Almir Sater, Zé Geraldo, Guilherme Lamounier, todos eles identificados ao mundo “caipira”, e artistas da MPB como Jorge Bem e Ney Matogrosso. Os únicos sertanejos daquela época presentes na trilha eram Milionário & José Rico, com *Minha paixão*. A canção da dupla foi lançada originalmente no LP de 1979, três anos antes da TV Globo a incorporar, de forma que a Globo pouco ajudou a “promover” a música. O que chamou a atenção dos diretores globais para Milionário & José Rico foi o sucesso nacional e internacional de *Estrada da vida*, canção e filme de mesmo nome, que levou a dupla a cantar, literalmente, até na China<sup>8</sup>. Nos CDs de *Paraíso* da versão de 2009 os sertanejos foram à forra e tomaram a dianteira no número de canções, mas ainda convivendo com os caipiras Sérgio Reis e Almir Sater. As fronteiras entre sertanejos e caipiras parecia estar perdendo o sentido.

Não obstante, é curioso que o tema de abertura de *Deus e eu no sertão* seja bastante triste, saudosista e ligada a uma matriz temática “caipira”, embora a dupla tenha claramente uma postura moderna diante do debate estético do sertanejo atual. Não obstante, o fato de a Globo

---

<sup>8</sup> Em 1984 a Milionário & José rico visitaram a China e fizeram uma série de shows a convite do governo chinês que, estimulado pelo sucesso popular do filme da dupla entre os cidadãos chineses, resolveu chama-los. “Os reis sertanejos”. *Veja*, 24/09/1986.

ainda preferir um tema nostálgico de Victor & Léo para embalar um enredo sobre uma roça “verdadeira” parece demonstrar um ranço global cultivado por anos. Cabe perguntar: qual a importância de apontar uma verdade sobre o campo e/ou o camponês? Ou, num questionamento a *la Bourdieu*: qual é o “campo” do campo?

Nunca vi ninguém  
Viver tão feliz  
Como eu no sertão

Perto de uma mata  
E de um ribeirão  
Deus e eu no sertão

Casa simplesinha  
Rede pra dormir  
De noite um show no céu  
Deito pra assistir  
Deus e eu no sertão

Das horas não sei  
Mas vejo o clarão  
Lá vou eu cuidar do chão  
Trabalho cantando  
A terra é a inspiração  
Deus e eu no sertão

Não há solidão  
Tem festa lá na vila  
Depois da missa vou  
Ver minha menina

De volta pra casa  
Queima a lenha no fogão  
E junto ao som da mata  
Vou eu e um violão  
Deus e eu no sertão...

### **Bibliografia**

ARAÚJO, Paulo Cesar de. *Eu não sou cachorro, não: música popular cafonha e ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ALONSO, Gustavo. *Simonal : ‘Quem não tem swing morre com a boca cheia de formiga’*. Rio de Janeiro: Record. (no prelo)

ALONSO, Gustavo. “O píer da resistência” In: Piñeiro, Théo Lobarinhas & Motta, Marcia. *História do Rio de Janeiro*, vol. 3. (no prelo, 2011) ou através do sítio:

<http://www.historia.uff.br/nec/se%C3%A7%C3%B5es/artigos>

ALONSO, Gustavo. “‘Quando a versão é mais interessante que o fato’: a ‘construção’ do mito Chico Buarque”. In: Rolland, Denis; Reis Filho, Daniel Aarão. *Intelectuais e modernidades*. Rio de Janeiro: FGV. 2010; ou através do sítio:

<http://www.historia.uff.br/nec/se%C3%A7%C3%B5es/artigos>

KOTSCHO, Ricardo. *Do golpe ao planalto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NEIVA, Ana Lucia. *Chitãozinho e Xororó: Nascemos para cantar*. Prêmio. São Paulo. 2002.

NEPOMUCENO, Rosa. *Musica caipira: da roça ao rodeio*. Editora 34. São Paulo. 1999.

DAPIEVE, Arthur. *BRock: o rock brasileiro dos anos 80*. São Paulo: Editora 34, 1995.

NAPOLITANO, Marcos. *Seguindo a canção: engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969)*. São Paulo: Annablume/FAPESP. 2001.

QUADRAT, Samantha Viz.. “El Brock y la memoria de los años de plomo en el Brasil democrático”. In: JELIN, Elizabeth e LONGONI, Ana (orgs.). *Escrituras, imágenes y escenarios ante la represión*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

### Sites Consultados

ECAD: <http://www.ecad.org.br/ViewController/publico/RankingAutorial.aspx> - consulta em 10/01/2011

Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=-ZX6C5wT00g> (Abertura da novela “Paraíso”) – consulta em 10/01/2011.